

---

## A Experiência da Produção Audiovisual no Processo da Formação de Professores<sup>1</sup>

Juliana da Silva Mutti Caldas<sup>2</sup>  
Iris Verena Santos de Oliveira<sup>3</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, BA

### Resumo

O presente trabalho traz um relato sobre a experiência da produção audiovisual proposta como resultado final das pesquisas desenvolvidas no projeto “Ser Quilombola no Território do Sisal: experiência, formação e práticas curriculares no espaço escolar” que vem contribuindo para a formação de professores através da experiência. Ao longo do artigo, são elucidados os caminhos percorridos durante a pesquisa, o processo de escolha do formato do produto, questões sobre a linguagem audiovisual, as dificuldades enfrentadas e como as experiências do projeto foram determinantes para escolha do produto final.

**Palavras-Chave:** audiovisual; experiência; educação; comunicação.

### Introdução

O projeto “Ser Quilombola no Território do Sisal: Experiência, formação e práticas curriculares no espaço escolar” visa a formação de professores que atuam em escolas localizadas em comunidades quilombolas. No ano de 2017 foi realizada a primeira etapa do projeto no município de Nordestina-BA, que compõe o território de identidade do Sisal e onde estão localizadas 12 das 18 comunidades quilombolas do território, certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP). O foco desta etapa do projeto foram os professores atuantes na escola José Alencar localizada na comunidade quilombola de Tanque Bonito.

O caminho escolhido para o desenvolvimento do projeto foi a formação através da experiência. Portanto, não somente os professores, que são o público-alvo desta formação, estão inseridos de forma ativa na pesquisa, a equipe de pesquisadores também é colocada como sujeito no processo, visto que as experiências estão postas à todas e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º Semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV - UNEB, e-mail: [julianamcaldas@gmail.com](mailto:julianamcaldas@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de História da UNEB, e-mail: [irisveren@gmail.com](mailto:irisveren@gmail.com).

---

todos. A formação através da experiência permite que professores e equipe se formem simultaneamente à medida que vão experienciando as atividades propostas.

Partindo deste princípio, surgiu a ideia da produção de conteúdo audiovisual para registrar as inquietações, os relatos, as percepções e as transformações diante das atividades desenvolvidas, na perspectiva da equipe de pesquisadores. O registro audiovisual irá possibilitar a revisitação das experiências e a observação das mudanças de perspectivas provocadas pelo projeto.

A proposta foi executada nos Grupos de Experiência (GE), que é a metodologia escolhida para o desenvolvimento do projeto. Os GE's são registrados através de fotos, áudios e vídeos, ficando todo o material disponível para auxiliar as pesquisas desenvolvidas pela equipe e é utilizado também como base para planejar os próximos passos.

Os primeiros passos para produzir um material audiovisual é estudar a linguagem, as técnicas, pensar na estética e a partir daí começar a traçar um caminho para o produto que começa a ganhar forma na decupagem de todo o material colhido durante a execução do projeto. São fotos, vídeos, áudios que irão compor um produto audiovisual capaz de contar de uma forma mais objetiva e atraente o que foi experienciado no processo.

### **Grupo de Experiência (GE)**

O grupo de experiência é a principal metodologia do projeto e aconteceu mensalmente durante o ano de 2017, no Colégio Tertuliano de Souza Pereira localizado na sede do Município de Nordestina. A proposta base do GE é a formação através da experiência, baseado no conceito de experiência trazido por Larrosa (2002):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSA, 2002 p.21)

Nessa perspectiva, a proposta dos GE's é que algo nos aconteça. E uso a primeira pessoa, porque, como dito anteriormente, todos somos sujeitos em transformação experienciando algo em comum. As atividades são pensadas e planejadas com intuito de provocar e tocar de alguma forma os sujeitos presentes de modo que as questões étnico-raciais sejam refletidas para além da sala de aula. Em uma sociedade estruturalmente racista, existe uma naturalização das situações racistas do cotidiano e a intenção do GE é

---

deslocar os sujeitos da zona de conforto para que essas questões sejam repensadas, desconstruídas e que isso reflita dentro e fora da sala de aula.

Por conseguinte, o grupo de experiência foi pensado como um espaço de desestabilização, de desequilíbrio no sentido em que põe em crise os envolvidos. O intuito era abalar as certezas e levantar questionamento sobre situações que naturalizamos no cotidiano, por conta disso a arte começou a se desenhar como um caminho possível. Inicialmente, de forma bastante intuitiva. (OLIVEIRA, 2017, p.3)

A arte entra como ferramenta importante e potente nessa tentativa de transformação dos sujeitos. A música, a poesia, o cinema e a fotografia foram alguns caminhos encontrados para inserir os diálogos e provocações. A quantidade de artistas que produzem conteúdo de forma engajada, com o intuito de evidenciar o debate e trazer para o público uma reflexão sobre questões sociais, tem crescido de forma significativa nos últimos anos e o conteúdo produzido agrega de forma relevante os debates. Além de ser uma linguagem que além do conteúdo, promove o entretenimento tornando o processo formativo mais interessante e atrativo para os sujeitos.

O público alvo dos GE's são os professores da escola José Alencar, porém os mesmos são abertos à participação de todos os professores da rede municipal de Nordestina. Durante o ano, foram realizados sete GE's e as atividades desenvolvidas sempre contavam com um elemento artístico como guia para as discussões. Exibições de produções audiovisuais, relatos de experiências, conversas, recitais de poesia, sempre no intuito de estimular os professores se perceberem como protagonistas e a perceberem que o trabalho que feito por eles dentro da escola já faz diferença na vida dos alunos e que estávamos ali para agregar e também aprender com eles.

Fica evidente que o formato dos GE's agradou os professores e também a equipe. Apesar da tentativa de não criar expectativas no início do trabalho, elas foram criadas e algumas até superadas. A cada reunião de planejamento era feita uma avaliação do GE anterior e algumas ações repensadas, mas sempre mantendo o objetivo principal de valorizar a experiência para que a transformação seja possível a todas e todos. As discussões ganharam força e mais sentido a cada encontro, deixando satisfeitos e excitados todos e todas que ali estiveram, ansiando sempre por mais um encontro e por novas experiências.

A importância de agregar ferramentas na formação dos sujeitos e pensar além dos muros da academia ficou evidenciada na realização dos GE's. As possibilidades de

transformação são inúmeras e precisam ser exploradas, ganhar visibilidade e adesão. Os grupos de experiência foram além do que se esperava e possibilitaram uma nova visão do que pode ser feito a partir de agora.

### **A Escolha Pelo Audiovisual**

O caminho escolhido pela equipe para o desenvolvimento do projeto foi a realização de Grupos de Experiência (GE). O formato dos GE's atende às expectativas da formação de professores da educação básica através da valorização da experiência dos mesmos juntamente com os demais envolvidos.

A escola é um lugar privilegiado onde a troca de conhecimentos é essencial para a transformação da sociedade. Lima (2015), em seu livro 'Relações étnico-raciais na escola: o papel das linguagens', discute que o processo formativo está relacionado ao reconhecimento da identidade.

O discurso da escola é importante para ler e redimensionar como as pessoas vivenciam suas identidades, vez que neste espaço elas constroem suas concepções sobre si mesmas, sobre os outros, sobre as relações sociais, sobre o mundo a sua volta. (LIMA, 2015, p.58)

Portanto, discutir questões étnico-raciais dentro deste espaço se mostra necessário no combate ao racismo e na construção de uma sociedade igualitária. É diante desta necessidade que o projeto se mostra importante e interessante.

É nesta perspectiva que concebo o campo da formação, seja de professores/as, seja de alunos/as, como espaço de discussão e compreensão das relações étnico-raciais [...]. Para tanto, um caminho possível é a partir de narrativas destes sujeitos, sobre essas ideologias e práticas, sobretudo porque entrar em contato com o discurso da formação implica encontrar-se consigo próprio/a, com suas trajetórias de vida, e não meramente participar de um ritual pedagógico, ou cumprir uma obrigação. (LIMA, 2015, p.62)

Construir narrativas a partir de experiências é algo feito até mesmo em relatos despreziosos no cotidiano. Construir uma narrativa audiovisual permitirá uma revisitação a estas experiências podendo promover uma nova compreensão de si próprio e do cotidiano construído. Além disso, permite à equipe do projeto uma melhor avaliação das atividades desenvolvidas o que pode evidenciar novas necessidades e novos caminhos a serem seguidos nas etapas seguintes.

---

Nesse movimento, a equipe do projeto passa a também ser objeto de estudo e observação. Na perspectiva dos GE's, todas as pessoas participantes são sujeitos em (trans)formação, como descreveu ALVES (2013) em sua dissertação de mestrado:

É na leitura que faço da hermenêutica Gadameriana que encontro o tom da minha escrita, ao visualizar, na construção da pesquisa, o meu duplo papel de hermeneuta: é como hermeneuta que interpreto a minha experiência como pesquisadora ao tomar a minha narrativa de pesquisadora como lugar de compreensão e construção da própria pesquisa. (ALVES, 2013, p.11)

A equipe do projeto se encontra em um papel duplo de pesquisadores e sujeitos em formação. Daí surge a ideia de um documentário com o foco nas experiências destes sujeitos que geralmente não exercem papel de sujeito na maioria das pesquisas desenvolvidas, mas que na proposta deste projeto se qualificam como tal.

Lencastre e Chaves (2007) dizem que “utilizar os elementos básicos da linguagem visual como meios para o conhecimento e compreensão da realidade é um método útil para uma maior eficácia visual e comunicacional.” Com isso, o audiovisual se torna uma ferramenta importante no processo.

Os métodos, as técnicas, as ferramentas e as linguagens usadas no audiovisual são diversas e vêm atraindo cada vez mais profissionais para atuar na produção sonora e imagética, além de gerar um produto final que encanta o público. Alves (2008) afirma que “comunicar é um ato inerente ao ser humano, mas comunicar-se audiovisualmente é um ato intencional e, como tal, precisa ser amplamente analisado, aprendido e discutido.”

Lucena (2012), em seu livro ‘Como fazer documentários’ diz que “em um primeiro momento, o filme documental é visto como um ato cinematográfico que registra o que acontece no mundo real.” mas após os filmes de Flaherty essa visão foi redefinida e “o documentário passa a ser considerado como a produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real (ou mundo histórico) e como protagonistas os próprios “sujeitos” da ação.” Diante dessa definição, a escolha apropriada para a proposta é a produção de um documentário que irá atender as expectativas quanto ao produto final.

O discurso do documentário envolve diferentes formulações, que podem ou não ser dirigidas diretamente ao público. Esse fato possibilita várias opções, divididas basicamente em duas categorias: o discurso direto, em que uma voz fala com a câmera e, por extensão, conosco, de forma direta; e o discurso indireto, que não é dirigido à câmera ou ao público – como na ficção, em

---

que em geral ninguém fala diretamente conosco. (LUCENA, 2012, p.19)

A produção deste documentário utilizará o discurso indireto, de modo a mostrar ao telespectador um pouco do que foi experienciado, as impressões, as mudanças observadas. A intenção é fazer o telespectador entender um pouco do que foi este processo de formação para os sujeitos. Os primeiros documentários produzidos na história foram os filmes dos irmãos Lumière, que como diz Lucena (2012), “consistem em registro de cenas do cotidiano, filmadas com uma câmera pesada e fixada em determinado ponto. Estes filmes não contam histórias, eles simplesmente mostram alguma coisa.” A intenção não é contar uma história sobre o que foi vivido e sim mostrar ao telespectador os impactos causados em quem viveu.

Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social. (NICHOLS,2012, pag.27.)

A produção memorial foi uma questão relevante na escolha de um produto audiovisual como resultado da minha pesquisa no projeto. O Grupo de Experiência (GE) é uma metodologia nova e como tal, precisa ser discutida, debatida e conhecida por outros pesquisadores. Ao produzir um documentário que irá mostrar um pouco do que foi trabalhado e os impactos deste trabalho, estamos produzindo memória.

Essa produção memorial também é feita através da escrita, mas a representação através de um documentário estabelece uma relação de experiência com o telespectador. É como se o telespectador fosse transportado por alguns momentos para a realidade vivida pelos personagens do documentário.

O documentário engaja-se no mundo pela representação, fazendo isso de três maneiras. Em primeiro lugar, os documentários oferecem-nos um retrato ou uma representação reconhecível do mundo. Pela capacidade que tem o filme e a fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema. (NICHOLS,2012, pag.28.)

Por ser bolsista do projeto e está imersa nos GE's tanto quanto qualquer outro componente da equipe, sou também parte do ambiente. O que é considerado por Grierson uma premissa básica para a realização de um documentário, como disse Da-Rin (2004):

---

E, para que a espontaneidade do comportamento natural fosse inteiramente preservada, a filmagem deveria ser precedida de um período de convivência do cineasta com o ambiente e as pessoas do lugar. Este método de observação participante era considerado por Grierdon uma premissa básica. (DA-RIN, 2004, p.74)

Por isso também a escolha da produção de um documentário. Por entender que é o formato adequado de uma produção audiovisual que atinge o objetivo proposto e que é capaz de uma real representação do que foi desenvolvido ao longo do projeto. Além de garantir que o produto final tenha legitimidade em futuras pesquisas que sigam o mesmo viés.

Para além da contribuição com o projeto, a realização deste documentário traz uma contribuição pessoal. Quando idealizei esta produção, estava cursando o 2º semestre do curso de Comunicação Social – Rádio e TV e ainda não havia tido nenhum contato com disciplinas específicas sobre a linguagem ou as técnicas do audiovisual. O que demandou uma maior pesquisa para a compreensão da linguagem. A medida que avançava no curso, avançava também na pesquisa e hoje, no 4º semestre, tenho uma compreensão maior da ideia que tive lá atrás, além da certeza das minhas intenções e da importância do produto.

A compreensão da linguagem audiovisual ao longo do curso e da pesquisa, permitiu uma reavaliação da ideia inicial e um entendimento maior do objetivo final, trazendo à tona questões que não tinham sido consideradas inicialmente. Como a escolha do local para gravar com a equipe, como as pessoas estariam colocadas nesse ambiente, a escolha do posicionamento da câmera, tudo isso foi pensado para que o produto atinja o propósito.

O material que irá compor o documentário foi produzido ao longo do desenvolvimento do projeto e após a conclusão da etapa de 2017, não só nos GE's que são o principal objeto, mas também em outras atividades, como por exemplo o "#EduQuilombo" - atividade de extensão desenvolvida com alunos e professores da escola José Alencar, onde foi realizado um ensaio fotográfico com os professores, oficinas com os alunos e foi um espaço de formação mútua e de fortalecimento para a continuidade do projeto. O ensaio fotográfico realizado nesse dia foi exibido para os professores em um dos GE's e foi um dos momentos mais potentes nessa caminhada.

Além disso, a equipe produziu áudios e vídeos que narram a caminhada pessoal e o processo de construção de cada um, algo de extrema relevância para o objetivo final do

---

produto. Por fim, foi feita uma gravação com a equipe do projeto, no formato de uma roda de conversa, onde são narradas as experiências, as surpresas e aprendizados. Este material terá um papel determinante na narrativa escolhida para o produto.

A fase mais difícil e demorada de uma produção audiovisual é a decupagem. Foi necessário revisitar todo material produzido e escolher minuciosamente o que utilizar e o que não utilizar. É preciso estar claro quanto ao objetivo do produto para não errar nas escolhas. Em um projeto como este, que foi desenvolvido durante quase 1 ano, a quantidade de material colhido é enorme e de uma relevância tão grande que é preciso muito cuidado para não transformar o produto final em uma montagem de imagens que não produz sentido.

### **Conclusão**

A ideia da produção de um documentário inicialmente era apenas registrar e acompanhar o processo formativo dos professores. Porém, à medida que o projeto foi se desenhando, percebemos a necessidade de nos enxergarmos enquanto sujeitos. Se a proposta dos GE's envolve todas e todos que os experienciam, porque não acompanhar também o processo formativo da equipe que compõe o projeto?

Temos uma equipe composta por pesquisadores e estudantes de variados seguimentos, com diversos olhares e abordagens dentro do projeto, o que pode possibilitar a construção de um material que enriquecerá futuras pesquisas e trará uma nova perspectiva das novas abordagens na formação de professores.

Portanto, a produção deste material é mais uma ferramenta na construção do projeto de formação de professores e que tem o intuito de agregar positivamente a experiência de todas e todos envolvidos na pesquisa. A proposta, que diz respeito ao registro audiovisual de todo o processo formativo, possui linguagem de caráter informativo e comunicativo que interessa ao que é proposto no processo da formação.

### **Referências**

ALVES, Isis C. P. **Fazer do vivido história de vida**: a (des)articulação das referências na escrita do memorial de formação. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2013.

ALVES, Marcia Nogueira; **Mídia e produção audiovisual**: uma introdução / Cleide Luciane Antoniutti, Mara Fontoura, Marcia Nogueira Alves. - Curitiba: Ibpex, 2008. 357 p.  
DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004. 448 p.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação, nº 19, 2002.

LENCASTRE, José Alberto; CHAVES, José Henrique. **A imagem como linguagem.** Publicado em "Revista galego-portuguesa de psicoloxía e educación: revista de estudos e investigación en psicología y educación, ISSN 1138-1663, Vol. Extra 1, 2007" Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/26093> Acessado em: 07/04/2017 às 15:25.

LIMA, Maria N. M de. **Relações étnico-raciais na escola: o papel das linguagens.** Salvador : EDUNEB, 2015.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: Conceito, Linguagem e Prática de Produção.** [S.l.]: Summus, 2012. 128 p.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** 5<sup>o</sup>. ed. [S.l.]: Papyrus, 2005. 272 p.  
OLIVEIRA, Iris Verena. **Negro é o outro: Formações pela experiência e invenções de si.** 2017.